

DEPOIMENTOS DE ENCERRAMENTO

PRONUNCIAMENTOS

MAURÍCIO ROSENBLATT — Ao abrir os trabalhos da sessão de encerramento deste encontro, no qual tantas vezes ilustres falaram sobre Erico Verissimo, quero congratular-me com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com seu Centro de Pesquisas Literárias, com o Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e com o Acervo Literário de Erico Verissimo pela organização deste IV Seminário Brasileiro de Crítica Literária e, concomitantemente, do III Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul. Posso compreender o que significa realizar um encontro nesta época, difícil por todos os motivos, convidando autores celebrados do País e participantes não menos destacados deste Estado, para descobrirem facetas ainda não apresentadas de Erico Verissimo.

Isso posto, devo declarar aberta esta sessão, da qual tomam parte, além da coordenadora geral dos dois seminários, Maria da Glória Bordini, o insigne professor Ir. Elvo Clemente, da PUCRS, e dois escritores conhecidos de todos nós, ambos rio-grandenses, Flávio Moreira da Costa e Moacyr Scliar, que aqui comparecem para fazer depoimentos pessoais sobre Erico Verissimo. Começarei dando a palavra a Flávio Moreira da Costa, o primeiro depoente da tarde.

FLÁVIO MOREIRA DA COSTA — Proponho-me a fazer um pequeno depoimento das relações muito esporádicas que tive com Erico ao longo de vários anos. A primeira delas — peço que façam um exercício de imaginação e me vejam com treze ou quatorze anos —, mais ou menos na época em que ele lançou seu livro sobre o México. Eu e um amigo compramos o livro (dividimos a despesa porque não tínhamos dinheiro suficiente), ligamos para o Erico e fomos até a sua casa. Éramos dois garotos que descobriam a literatura, desses que costumam chatear os autores, mas Erico não se sentiu aborrecido, pelo contrário, nos recebeu muito bem. Conversamos, o assunto não me lembro, mas ficamos muito tempo com ele. Erico autografou o livro; para nós foi uma aproximação com um escritor que já era um pouco mito. O resultado desse encontro é que meu

amigo acabou levando o livro para casa e eu fiquei sem ele. Por coincidência, hoje esse amigo trabalha no Juizado de Menores, mas o que fez então foi um ato de delinquência juvenil, não é mesmo?

Mais tarde, numa outra fase — eu já era autor publicado —, estive aqui no Rio Grande do Sul e fui conversar com ele. Luis Fernando, o filho de Erico, estava no Rio e a relação dele com o pai era difícil. Não vou cometer nenhuma indiscrição, porque o Luis Fernando está aqui e, mesmo que não estivesse, acho importante falar nisso, porque o relacionamento pai e filho é quase sempre complicado com todo o mundo e o foi para o Erico e o Luis Fernando. Lendo agora o **Solo de clarineta**, notei como fora dilacerado o relacionamento de Erico com o próprio pai, tanto que copiei um trecho que diz o seguinte: «Para mim uma das partes mais importantes de **O Arquipélago** seria o momento em que Floriano, depois de um grande esforço sobre si mesmo, consegue entabular com Rodrigo, seu pai, o diálogo que eu gostaria de ter tido com o meu próprio pai: um 'ajuste de contas' no plano sentimental, numa completa libertação de todas as mitologias, de todos os códigos escritos ou não, um encontro no plano humano da mútua aceitação e do amor» (p. 16, v. 2). Na época, o Luis Fernando tinha mandado um telegrama dizendo que ia se casar, e o Erico falou para Malfalda, brincando, é claro: «Será que eu vou a esse casamento? Se for convidado, acho que vou».

Depois, numa outra fase, em 1975, dois, três ou quatro dias antes dele falecer, eu estava em Porto Alegre de passagem e telefonei: «Ô Erico, eu queria te ver». Ele disse: «Passa aqui à tarde». Eu respondi: «À tarde eu não posso, porque vou pegar o avião». E ele convidou: «Então vem tomar café da manhã comigo». Fui para lá às oito e trinta, oito horas da manhã. Conversamos bastante, inclusive me lembro que um dos assuntos foi o romance policial. Eu disse a ele que tinha vontade de escrever um desses romances e ele ficou muito entusiasmado, confessando que também sempre quisera fazer o mesmo. E falou do preconceito em relação a esse tipo de literatura que as pessoas não entendiam ser um gênero sério. Enfim, o policial era uma paixão sua, que vinha desde a época da Globo, quando ele colaborava com a Coleção Amarela. Nesse momento eu senti uma ponta de amargura nele — e com razão — quanto a certas restrições que uma crítica supostamente mais sofisticada fazia a ele, afirmando que não era um grande romancista. Ele até disse: «Se fosse num outro país, vá lá, mas no Brasil eu acho que sou bom romancista». Digo que essa mágoa era justificada devido à injustiça de certa crítica que sempre tentou deixá-lo de lado, aproveitando a própria humildade

do Erico, que se dizia um simples contador de histórias. Só deveríamos acrescentar que um bom contador de histórias é também um bom romancista.

Falamos ainda de outro problema, uma experiência separada, porém comum, que foi o fato de termos vivido no exterior, em épocas bastante diferentes, porque somos de gerações diferentes. Conversamos nesse mesmo dia sobre a dificuldade de se reintegrar à realidade brasileira. Ele me disse que houve um momento em que teve de assumir o povo brasileiro e até deu um exemplo: «O padeiro da esquina, eu tenho que conversar com ele, ele é um homem igual a mim». Quem morou no exterior sabe dessa dificuldade, que inclusive eu passava na época. Por isso, essa conversa foi muito importante para mim.

Fora isso, o que eu poderia dizer, em termos mais gerais, é que de Erico Veríssimo ficou o exemplo de humildade, de trabalho, de honestidade intelectual e de persistência contra tudo e contra todos, porque escrever no Brasil é uma atividade de risco. Todo o dia bate alguém à nossa porta, dizendo para a gente desistir, mas temos de continuar e eu vi em Erico, nesses encontros esparsos, um exemplo dessa persistência e dignidade que tento levar adiante de alguma forma.

MAURÍCIO ROSENBLATT — Creio que viria bem, agora, depois do depoimento do Flávio, a leitura de um trecho de **A disciplina do amor**, de Lygia Fagundes Telles, que não pôde vir a Porto Alegre devido a um imprevisto de última hora e indicou como depoimento seu essas palavras que serão lidas pela Maria da Glória Bordini, a quem ela pediu para ser sua porta-voz nesse momento:

MARIA DA GLÓRIA BORDINI — «**A hora do sétimo anjo**. Rua Felipe de Oliveira. Estamos sentados no pequeno pátio da casa. Choveu há pouco e o perfume das flores vem úmido. Intenso. De vez em quando um neto de E.V. se aproxima, diz um segredo no ouvido de M. e foge de novo, afetando encabulamento. Procuro identificar os **gringos**, os mais lindos da rua, ele avisou. Na saída, espiamos o quarto das crianças, elas já estão dormindo. Reconheço a menininha com cara de amendoim torrado, como ele a descreveu. Quer me mostrar os desenhos que ela faz, estamos agora na sua **toca**, sou um urso, ele avisa e se anima quando lhe pergunto pelo novo livro: será um romance, tem até o nome, **A hora do sétimo anjo** — não era um bom título? Mostrou o desenho que seria o esboço da capa, uma brincadeira que fez de parceria com a neta. Quando me fixei no seu rosto, vislumbrei uma certa luminosidade, era

noite sem lua, já estávamos na calçada e aquela tênue fosforescência — mas de onde vinha? O céu baixo, nuvens roxas. Sombras. É a doce claridade fazendo-o mais nítido e singularmente mais distante.

Entre no táxi. Recomeçou a chover, olhei para trás. Ele já tinha desaparecido.»

MAURICIO ROSENBLATT — Depois dessa passagem evocativa e que toca a sensibilidade dos que privaram na casa da rua Felipe de Oliveira, passarei a ler uma mensagem especial enviada por Jorge Amado que, também convidado, não pôde comparecer: «Tanto gostaria de estar presente às comemorações que hoje se celebram em Porto Alegre em homenagem à data em que Erico Verissimo comemoraria os 80 anos de vida, para dizer da saudade que sinto diariamente do amigo inesquecível, criatura humana excepcional.

Quando ele nos deixou havia atingido a plena maturidade de sua criação. Fico imaginando os grandes livros que ainda teria escrito, se a morte não o houvesse levado. Sua herança, patrimônio da literatura brasileira, é imensa. A saga que Erico construiu com seu trabalho literário é uma das grandezas de nossa cultura. Nela, o povo brasileiro, com sua face rio-grandense, se afirma inteiro na construção de nossa nacionalidade, de nossa originalidade. Nenhum escritor mais de sua terra gaúcha do que Erico, nenhum mais completamente brasileiro. Seus romances existirão enquanto existir a língua portuguesa do Brasil em que ele os escreveu.

Hoje gostaria de estar em Porto Alegre ao lado de Mafalda e de seus filhos e netos para falarmos em família da criação imortal de Erico, de romances e personagens, para relembrarmos o bom sorriso tímido daquele que foi um dos brasileiros mais singulares e definitivos de nosso tempo. Bahia, novembro de 1985.»

MAURICIO ROSENBLATT — Após essa mensagem, passo a palavra a Moacyr Scliar.

MOACYR SCLIAR — «Família» é um termo que descreve bem o ambiente que o Erico criou. Ele fez com que seus leitores se tornassem uma família unida na admiração por ele. É uma coisa estranha que hoje, aqui, se sinta de fato que o clima é emotivo. Não precisaria sê-lo, naturalmente. Afinal, poderíamos fazer uma análise da obra do Erico, da sua figura, mas não é só isso; sua presença afetuosa está entre nós. E isso me obriga, inevitavelmente, a dar um depoimento pessoal

que é também emocionado. Não como de um amigo que fala de um outro amigo ausente, mesmo porque a diferença de idades não permitiria essa relação de amizade, ainda que com o Erico essas coisas não pesassem porque ele era extremamente aberto, receptivo. É curioso que até hoje o nome dele esteja na lista telefônica: a gente sabe que as pessoas importantes nem sempre deixam os seus nomes na lista, mas o do Erico sempre esteve. A porta dele sempre estava aberta e ele nunca mandou dizer que não estava — recebia todo o mundo, mesmo os mais chatos. E eu fui um desses chatos, numa certa época que daí a pouco vou lembrar.

Encontrei Erico primeiro em seus livros. Não os livros infantis. Comecei por um livro que, curiosamente, não era para a infância, que li por volta dos dez anos: **Saga**. Eu tinha muita curiosidade por esse livro, porque, em minha casa, ele estava escondido. Era de minha mãe, professora primária, que o guardava no seu roupeiro. Até hoje me pergunto por que o livro estava guardado lá. Talvez porque era considerado imoral, nessa pré-história a que estou me referindo. Meus pais não tinham essa espécie de restrição, mas em todo o caso, o livro estava escondido e chaveado. A chave eu logo descobri, de modo que bastava minha mãe sair e eu voava para o guarda-roupa para ler **Saga**. Era para mim um dos vícios secretos que começam nessa idade. Esse livro realmente me fascinava. É que aquela narrativa me prendia de uma forma como poucas narrativas me tinham prendido até então e me prenderiam depois. E me lembro do meu espanto ao ouvir uma pessoa dizer que **Saga** não era um livro bom. Para mim era e continua sendo um livro bom. Não mais o li, talvez para não desfazer o encanto, mas um livro que fascina um menino de dez anos, que faz com que ele vença dezenas de páginas e que se sinta transportado, pode ter os defeitos que tiver, mas é um livro bom.

Todos os outros livros do Erico que fui lendo depois disso tinham essa mesma capacidade de me atrair, de fascinar, livros infantis como **As aventuras do avião vermelho**, livros infanto-juvenis como **As aventuras de Tibicuera**, ou livros sobre Porto Alegre ou que têm como cenário Porto Alegre, como o **Caminhos cruzados**, que ganhei como prêmio num concurso de contos do Colégio Júlio de Castilhos.

Minha geração passou por três fases em relação a Erico. A primeira fase era da descoberta e da glorificação; a segunda foi uma fase iconoclasta, de derrubada do ídolo. Se ele é um escritor que tem um público tão grande, dizia-se, se escreve de uma maneira tão fácil, se cria personagens com essa habilidade, não pode ser um bom escritor. Um bom escritor não está ao alcance tão fácil do público.

Além disso, o Erico tinha cometido um erro terrível, tinha estado nos Estados Unidos, tinha ido ao berço do imperialismo e tinha voltado, sabe-se lá com que mensagem. Nessa fase de esquerda burra que nós tínhamos aqui, essas coisas eram esgrimidas freqüentemente. Que isso não fosse verdade, não tinha importância nenhuma, porque naquela época, como ainda hoje, era mais importante uma mentira progressista do que uma verdade reacionária. Essa mentalidade realmente existiu e o Erico teve de pagar um tributo pesado a ela em função de uma coisa chamada política literária, que é uma mistura maligna dos piores componentes da política com os piores componentes da literatura. Implica em troca de favores e de elogios, na formação de grupos em que as pessoas se promovem mutuamente e queimam juntas seus inimigos. Para muitos desses grupos, o Erico tornou-se um alvo fácil.

Finalmente, veio uma fase de redescoberta do Erico, uma fase que ainda estamos vivendo. Acho que há muita coisa ainda a redescobrir nele; mas, em primeiro lugar, tem que ser dito de novo que ele era um grande escritor, por qualquer critério literário que se queira usar. Era um escritor que, diferente de muitos que se consideram grandes, sabia usar a palavra, pela qual tinha, o que é muito importante, um carinho todo especial. Numa das conversas que tivemos, ele ficou longo tempo analisando a palavra «rapariga». E dizia: «Esta é uma palavra menosprezada, esta palavra tem que ser reabilitada, a gente tem que usar essa palavra em seu sentido carinhoso». Uma pessoa que tem com as palavras tal intimidade, tal afeto, é necessariamente um bom escritor. Mas não é só isso. O mais importante, além disso, era a capacidade que o Erico tinha — e que o Luis Fernando herdou dele — de construir personagens, o que também define, no final das contas, o escritor. Só aquelas pessoas que não têm essa capacidade ou nem sempre a têm, sabem valorizar o que é criar uma personagem, um ser que, de repente, adquire vida, que respira, que se torna verossímil e que é adotado pelo público, pelo leitor, como uma figura real, uma figura viva. Isso, que aparentemente é fácil, é uma habilidade inata, que o Erico tinha num grau máximo. Aliás, o desenho que ele fazia das personagens correspondia à habilidade que tinha de desenhar; pessoas que têm habilidade artística, geralmente têm mais de uma, ou têm vários meios de expressão, como as letras, o desenho, a pintura, a música. De novo: o Luis Fernando é um exemplo disso; esse é um traço que herdou do pai.

Outra característica da sua obra é a vastidão. É o fato de ele ter abrangido assuntos tão diversos, temas tão diversificados, ter escrito sobre o Rio Grande rural e sobre a cidade. Acho

que é importante caracterizar o Erico como um escritor urbano: precisa ser redescoberta essa sua dimensão como escritor do bairro Petrópolis, como pintor da classe média porto-alegrense, que é em grande parte a síntese da classe média brasileira e da classe média de uma maneira geral, caixa de ressonância da problemática social.

Além disso, é importante a qualificação do Erico como intelectual, como uma pessoa que examinou o seu tempo, que fez dele um diagnóstico, através do meio que sabia usar, a palavra escrita. Não sendo político nem jornalista, Erico não fazia discursos nem reportagens, ele fazia literatura. É, a propósito, o exemplo mais perfeito de profissionalização em literatura que temos no Rio Grande do Sul. Não de profissionalização no sentido de viver dos seus direitos autorais, como equivocadamente se coloca a questão: isso não tem importância nenhuma, porque depende do estilo de vida que a pessoa quer levar, depende de outras fontes de renda. Mas a atitude profissional, no sentido de comprometimento com o próprio trabalho, isso o Erico tinha num grau muito elevado.

Finalmente, queria dizer só duas ou três coisas sobre o Erico como ser humano. O Erico era um ser humano bom, um homem bom. Nem todo escritor precisa ser uma pessoa boa. Há escritores que são malvados, perversos, batem na mãe, roubam, etc., mas mesmo assim são excelentes escritores. Não há uma causação, uma relação de causa e efeito entre o caráter e a vocação literária. O Erico, porém, tinha essa capacidade de ser tão bom como pessoa quanto era bom no seu texto.

Era um homem de incrível generosidade. Uma vez eu lembro que peguei num sebo um livro de poesia que era uma coisa horrorosa. Eu raramente tinha lido um negócio tão ruim, mas a orelha era altamente elogiosa. E a orelha era do Erico. Eu tinha uns quinze ou dezesseis anos e fiquei indignado. Mas depois, lendo as orelhas que venho fazendo ao longo desses tempos, entendo perfeitamente as suas razões. Em primeiro lugar, explicar para as pessoas que o seu livro é ruim, é muito difícil, elas têm que descobrir isso sozinhas. E, por outro lado, é mais fácil escrever algumas palavras, mesmo porque algo de bom sempre pode se dizer de qualquer texto. Além disso, quem hoje escreve uma coisa ruim, amanhã pode melhorar; isso pode acontecer. O Erico dava esse crédito de confiança que uma pessoa menos tolerante não daria, por causa de sua bondade intrínseca. Uma vez levei-lhe um conto. Tempos depois me encontrou na rua e disse: «Olha, li o teu conto e gostei!». Fiquei satisfeitíssimo por receber aquele elogio, foi uma coisa que me alegrou muito. Mas um dia, remexendo nas gavetas, encon-

trei — adivinhem — a última folha daquele conto, que tinha ficado ali. Aquilo me deixou confuso: será que o conto ficava melhor sem o final? Será que ele só tinha desejado me ajudar, me dar um apoio? Não sei. O que sei é que seu elogio era uma coisa sincera. Eu não estou dizendo que o texto fosse bom. O que era sincero era o desejo dele de estimular um jovem que estava começando a escrever.

O que tem tudo isso a ver com o que ele escreve? Não tem nada a ver e tem muito a ver. Nada a ver no sentido de que, como eu disse antes, um escritor não precisa ser bondoso para ser grande. Mas tem muito a ver no sentido da literatura que ele fazia, que era de uma tremenda dimensão humana. Era uma literatura da pessoa que diz: «Sentem aqui comigo e ouçam a história que eu tenho para contar; estou contando esta história porque gosto de vocês e quero compartilhar com vocês o prazer que é contar uma história». Esse era o Erico que conhecemos e que merece não só essa homenagem, mas todas as homenagens do mundo.

MAURÍCIO ROSENBLATT — Provavelmente, por vários motivos, não deveria ser eu a pessoa que coordenasse esta última sessão dos Seminários sobre Erico Verissimo. Fui muito chegado a ele, num convívio de mais de cinquenta anos, e muito ligado à sua família. Nos componentes de minha maneira de ser, eu me definiria como uma vaca sentimental. Eu me comovo, perco o controle do raciocínio, perco a eventual clareza que pudesse ter para expor o pensamento e não me parece ser esta a pessoa indicada para presidir uma sessão em homenagem a alguém como Erico Verissimo.

Muito do que foi declarado por Flávio, por Moacyr, me emocionou. Talvez saibam alguns aqui que trabalhei com livros durante trinta e tantos anos; convivi com escritores durante todo esse período, tanto por dever de ofício como depois que deixei os negócios editoriais e livreiros. No Rio de Janeiro, onde morei uma porção de anos, tive a sorte de conhecer alguns nomes dos maiores de nossa literatura contemporânea. Tornei-me amigo de muitos deles e aprendi uma lição amarga, que para mim é uma espécie de axioma. Nem sempre vale a pena conhecer os autores dos livros. Nem sempre são eles as pessoas que imaginamos. Concordo em que não é necessário que um escritor seja um bom caráter. A história literária, e fora dela, a história comum, estão cheias de pessoas que foram grandes criaturas, que influíram nos destinos da humanidade, que criaram filosofias, e que, de personalidade, deixavam muito a desejar. Para mim o paradigma dessas criaturas é o Sr. Rousseau, que definiu um mundo ideal, partindo da premissa de que o homem é bom, mas punha os próprios filhos

na roda. Não sei se conhecem o regime da roda. Talvez todos que são muito jovens aqui não saibam o que é. Nas Santas Casas da época existia uma abertura no muro com uma roda onde se punha a criança enjeitada. Rousseau fez isso. Mas no caso do Erico, já que estamos ao término dos Seminários sobre ele, admirável é a integração entre homem e obra. Independentemente de seus livros, o Erico seria, no meu modo de entender, um paradigma para a criatura humana digna, limpa, decente e interessada no seu semelhante. Por isso me parece oportuna, agora que já ouvimos o Flávio e o Moacyr, a leitura de um poema de Carlos Drummond de Andrade, datado do dia 3 de dezembro de 1975. Seu título é *A falta de Erico*.

«Falta alguma coisa no Brasil
depois da noite de sexta-feira
Falta aquele homem no escritório
a tirar da máquina elétrica
o destino dos seres,
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom
caminhando entre adultos
na esperança da justiça
que tarda — como tarda!
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,
aquela ternura contida, óleo
a derramar-se lentamente,
falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.»

MAURÍCIO ROSENBLATT — Depois desse poema, o certo seria o silêncio, como a coisa mais expressiva com a qual eu pudesse terminar esta sessão, mas quero ainda ler um pequeno trecho de algo que foi escrito há poucos dias, por alguém. [Luis Fernando Verissimo], a respeito da coerência da criatura humana. Diz esse escrito: «Homens decentes não foram homens tementes a Deus ou a padrões sociais, mas os que se definiram pelo humano, pelo próximo, pela possibilidade da justiça, mesmo que no fim do mundo só sobre um cisco. A vida acabada de um homem decente é como um bom livro; o ponto final não é o fim do livro, é o fim de uma leitura. O livro estará sempre ali para ser relido, quando faltar a inspiração ou bater a saudade». Muito obrigado aos senhores.



Av. Bento Gonçalves, 4080

Telefone: 36-8300

RAMAL PUC 113

CEP. 90.620 - PORTO ALEGRE - RS - BRASIL